

Ergam as mãos para o céu, senhores!

O prefeito João Henrique e sua equipe de fiscalização de obras devem erguer as mãos em contrita prece aos céus diante do desabamento ocorrido em Pernambuco. Explico: o prédio estava pronto e em questão de mais uma semana ou duas estaria totalmente ocupado, o que poderia significar quase duas centenas de mortos num desabamento daquelas proporções. Claro que as três mortes ocorridas são profundamente lamentáveis, mas vejam que a dimensão da tragédia seria monumental se o edifício já estivesse com todos os seus moradores.

Portanto, fica aí mais uma lição, qual seja a de que é FUNDAMENTAL uma fiscalização constante em toda a cidade, e não pode ser, como sugeriu Cláudio Silva, da Sucom, com a “ajuda de vizinhos”. Afinal, supõe-se que a prefeitura disponha de veículos e pessoal suficientes para rodar a capital sistematicamente, em rígida fiscalização (claro que se um vizinho der a dica, melhor, mas não é possível depositar nesta “delação” a

eficiência do poder público).

Já tivemos desabrigados por desabamentos e enchentes na cidade por conta das chuvas de abril. No entanto, muitas encostas, como a perigosíssima do Vale do Ogunjá, próxima à Escola ACM e ironicamente um pouco depois do Crea, continuam nuas, ostentando um escandaloso risco de desabamento, que pode ser notado por qualquer leigo. Mas, pelo visto, faz parte da nossa cultura não aprender com a experiência e insistir no erro.

A cidade é como uma casa, senhores. Tudo precisa estar sendo sempre vistoriado e ao menor sinal de uma rachadura, uma infiltração, providências devem ser tomadas. Não se pode esperar que a situação chegue ao ponto crítico para adotar medidas, como, por exemplo, ocorreu com o Viaduto da Gamboa, cujas condições extremamente precárias só foram notadas após denúncias da imprensa.